

1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS

'MUNDO' RURAL E PATRIMÓNIO

A elite Rural Pelotense e a construção de um novo cenário urbano

Vanda Ueda

Universidad de Barcelona

Resumo

O presente artigo está dividido em quatro partes: na primeira trabalhamos com as noções de espaço e tempo, analisando sua influência no cenário urbano pelotense. Num segundo momento destacamos a mudança do charqueador, que tinha sua residência e seu cotidiano vinculado ao mundo rural para o núcleo urbano. Verificamos também as transformações no espaço urbano, principalmente, no que se refere à infra-estrutura. Essa modernização no espaço urbano ficou visível nas formas das construções, no agir, no falar e no modelo europeu que se tentava copiar. Ao estudarmos a elite pelotense e alguns conceitos da “teoria das elites” percebemos que a fundação e construção da Sociedade Agrícola e Pastoril no núcleo urbano serviu para atender seus próprios interesses. E concluímos com a vinculação do setor agrário-pastoril nas transformações do espaço urbano analisando o papel exercido por Idelfonso Simões Lopes na implantação das infra-estruturas.

Final do século XIX, início do século XX foram períodos de grandes transformações econômicas, sociais, políticas e culturais a nível mundial e também na cidade de Pelotas. Mudanças essas não só na estética e ornato da cidade, mas na maneira de agir, de pensar e de comportar-se. O impacto desses processos iniciados no final do século XIX, alteraram o perfil da cidade e o conjunto de experiências de seus habitantes.

Neste momento, modernidade, modernização e cidade aparecem mesclados com noções descritivas, como valores de espaços físicos, processos materiais e ideológicos. Na medida em que a cidade se expandia, era criado no imaginário das pessoas noções de aceleração e crescimento, das quais estavam vinculadas a produção de novas tecnologias e inovações tecnológicas, ou seja, as pessoas desejavam e planejavam inserir-se num novo projeto de modernidade e modernização.

Esses projetos permitiram que a elite pelotense, através de seus “agentes inovadores” criassem novos espaços de produção, fazendo com que as inovações tecnológicas fossem largamente difundidas em todo o mundo e na cidade de Pelotas não seria diferente. Portanto, as idéias e os ideais modernizadores eram observados no cenário urbano pelotense, principalmente no que se refere a construção do patrimônio arquitetônico.

1- O espaço e o tempo no cenário urbano pelotense

No período de grandes transformações a cidade de Pelotas vai se preparar para um novo cenário de modernização, pois as cidades brasileiras estavam em busca de uma europeização (um modelo de modernidade social, econômica, política e cultural). O cenário pelotense nesse período foi sem dúvida o “berço do progresso”, principalmente os vinculados a economia agrário-pastoril. A elite pelotense transfere-se para o núcleo urbano, trazendo as iniciativas de caráter agrário-pastoril. Alguns empreendimentos e acontecimentos de cunho rural podem ser observados nesse período. (Quadro I)

Quadro I - Empreendimentos rurais no núcleo urbano de Pelotas (1888-1918)

Empreendimentos/Acontecimentos	Ano de fundação
Escola de Agronomia e Veterinária	1888
Revista Agrícola do Rio Grande do Sul	1897
Sociedade Agrícola do Rio Grande do Sul	1898
1 ^o Posto Zootécnico	1907
1 ^o Congresso Agrícola do Rio Grande do Sul	1908
Sociedade Avícola do Rio Grande do Sul	1914
1 ^o Instituto de Higiene	1918

Elaboração própria a partir de F.Pimentel, Aspectos gerais de Pelotas, 1940.

Percebemos que na cidade de Pelotas houve a consolidação da riqueza urbana, mas que era um reflexo da riqueza agrário-pastoril. Observamos que em determinado momento histórico alguns autores rio-grandense estudaram os significados e as relações sócio-econômica do binômio cidade-estância. Como o estudo realizado por Xavier (1964:63-64) que colocou que: “a fixação do estancieiro na cidade verificou-se gradualmente. A residência urbana servia para a estação invernososa. Pouco a pouco os meses de inverno na vida urbana foram se prolongando para toda a família. É que os

jovens, atraídos pelo sucesso das notícias e pela vida de relação diversificada e moderna, argumentavam com a necessidade de estudarm e ali permaneciam quase todo o ano”.

Nessa mudança, da estância para a cidade e a relação com o lugar de origem (os hábitos, costumes, a alimentação etc.) vai acompanhar por muito tempo o egresso da vida rural. Os vínculos com o campo são demonstrados através da criação de mecanismos que levassem ao imaginário do morador urbano as relações com o campo. Com as inovações tecnológicas aflorando em todo o mundo, a construção de um projeto de modernidade vai atender os interesses tanto do morador da cidade, como o do proprietário rural.

No que se refere a questão teórica do objeto estudado, sabemos que é preciso articular as inovações com a vida social e esclarecer os vínculos materiais entre os processos político-econômicos e culturais. Isso nos permite explorar como o projeto de modernidade do capitalismo incluiu também uma transformação do uso do espaço e do tempo na acumulação de capitais. *“Espaço e tempo são fundamentais para a existência humana”*¹ e podem significar muito mais que as atribuições que lhes dão normalmente, algo naturalizado e que faz parte do nosso cotidiano.

Estudar o espaço e o tempo em Pelotas implicou reconstruir diferentes práticas e processos materiais que serviram à reprodução da vida social. A vida moderna nasce com as grandes descobertas nas ciências físicas, que acarretaram uma mudança da imagem do universo e do lugar que ocupamos nele. A industrialização da produção transforma o conhecimento científico em tecnologia, provocando a aceleração do ritmo de vida, decorrente também do rápido crescimento urbano que é verificado e das facilidades desenvolvidas pelos novos sistemas de comunicação de massa (Berman: 1987).

Os *“ritmos peculiares da modernidade do século XIX”* construíram uma *“nova paisagem”*, altamente desenvolvida e dinâmica. Encontramos esta nova paisagem e seus símbolos (vinculados também a economia agrária-pastoril) na Pelotas da virada do século XIX para o século XX: engenhos a vapor (o Engenho de Arroz São Gonçalo, do Cel. Pedro Osório), fábricas automáticas (a Fábrica Pelotense de Fiação e Tecidos), ferrovias (os ramais ferroviários que cruzam o seu espaço urbano), amplas e novas zonas industriais (ao longo dos ramais ferroviários), bairros que cresceram do dia para a noite (os bairros operários da periferia). Jornais diários (Diário Popular, Correio Mercantil, O Noticiador, Araribá, Brado do Sul, Jornal do Commercio),

¹ D. HARVEY. *“Condição pós-moderna”*, Edições Loyola, 1992, p. 187.

telégrafos, telefones e outros instrumentos de mídia (Rádio Pelotense). Em seu conjunto, essas representações urbanas constituíram um índice de elementos que integravam o imaginário das elites brasileiras no final do século XIX.

Correspondiam à sensação de que começava a viver, no país, a “aventura da modernidade”. Processo que trazia consigo a promessa de transformações radicais, de rompimento com os laços de uma sociedade que permanecera, até então, encastelada em moldes tradicionais agrários. Mirando-se nos exemplos das cidades européias, tais imagens vinculavam a capital a um ambiente promotor do desenvolvimento material ininterrupto e de mudanças profundas na vida social e cultural.

2- Modernização e o espaço urbano pelotense

A cidade de Pelotas, que nasceu planejada pelo traçado xadrez das ruas, no final do século XIX e início do XX se tornou uma cidade moderna, recebendo até os anos 1930 facilidades disponíveis no mundo². A cidade apareceu como centro de desenvolvimento intelectual, um lugar elegante, moderno, progressista e higiênico³.

Com a passagem do Império para a República, a maioria das cidades brasileiras recebeu a população decorrente do meio rural. Pierre Monbeig (1984:178) em seu livro “Pioneiros e fazendeiros de São Paulo” objetiva a saída do fazendeiro paulista para a cidade, o que não foi diferente no Rio Grande do Sul e em Pelotas. O autor colocou que: *“o fazendeiro do século XX deve habitar tanto na cidade como na fazenda sem negligenciar completamente o trato da terra, pois é também um homem de negócios”*.

Na cidade de Pelotas, enriquecidos, os charqueadores se transferiram para o núcleo urbano (afastando-se dos seus estabelecimentos industriais) e investiram em infra-estruturas básicas (sistemas de água, esgotos, iluminação e transportes - os carris urbanos) para a sua manutenção na cidade. Com a aceleração do capitalismo e o surgimento das novas indústrias, a população de Pelotas, entre 1900 e 1920 teve

² Seu centro urbano foi construído em um terreno doado pelo capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos no ano de 1812. Quando da sua elevação à categoria de vila, o núcleo urbano se expandiu pelas propriedades de Mariana Eufrásia da Silveira, acompanhando o traçado inicial com mais algumas ruas. Em 1835 foi elevada à categoria de cidade. M. O. MAGALHÃES *“Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)”* Editora da UFPel, 1993, p. 25 e E. ARRIADA, *“Pelotas - gênese e desenvolvimento urbano”*, Editora Armazém Literário, 1994, p.107.

³ O discurso higienista nas cidades brasileiras é decorrente das grandes epidemias. A questão da salubridade influenciou na construção de prédios mais higiênicos para a solução dos problemas.

um aumento estrondoso, alcançando 82.000 mil habitantes, sendo que 45.000 mil habitantes residiam no núcleo urbano. Tal crescimento refletia amplo processo de modernização em curso, que atingia as funções urbanas e toda a economia regional.

Além da modernização da cidade, todas as mudanças sociais, políticas e econômicas, ampliaram os usos do espaço urbano, e a vida social também se movimentou, pois a cidade se modernizava culturalmente. A base econômica ainda relacionada com as atividades agrárias-pastoris (as charqueadas se situavam no entorno da cidade) possibilitava que um grande número de pessoas da elite pelotense vivesse as ruas, os teatros, os cafés, os clubes, as associações e as confeitarias.

A cidade deseja nesse momento imitar Paris. Essa modernização ligada à europeização fez com que houvesse uma grande efervescência cultural. Pelotas, que fora durante muitos anos comercial e portuária, mas sempre vinculada às atividades charqueadora ou agrária-pastoril, passa agora a identificar-se com a modernidade urbana com a construção por parte da elite rural de grandes casarões. A arquitetura seguiam os modelos dos grandes centros urbanos (Paris, Londres, Rio de Janeiro e Lisboa). Para resgatar o modernismo que surgia nas ruas de Pelotas é preciso lembrar de alguns pontos da cidade para onde fluía o movimento urbano. Os bares, as confeitarias e os cafés tornavam-se pontos de encontro, o local de troca de informações. Liam-se jornais, discutiam-se literatura, cinema, política e até os rumos da cidade.

Cria-se também novos espaços de lazer e consumo como casa de chás e grandes magazines. Nesse momento Pelotas era um "berço de cultura" com escolas e faculdades, principalmente a Escola de Agronomia e Veterinária (mas uma vez percebemos a ligação com as atividades agrárias-pastoris) e tudo que acontecia nos grandes centros urbanos do país refletia em Pelotas⁴. Não podemos esquecer também que as novidades advinham das viagens realizadas pelos comerciantes e industrialistas pelotenses, ou das notícias e encomendas que seus filhos enviavam por estudarem em outros centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e, até mesmo, Paris, Lisboa e Coimbra.

O patrimônio arquitetônico da cidade tinha todo o luxo da Europa; os casarões em estilo neoclássico (introduzido no Brasil após a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro) e em art-nouveau eram os preferidos das famílias. Traziam o mármore de

⁴ A primeira faculdade de Pelotas foi a de Agronomia e Veterinária (1883 - a primeira do Brasil), depois implantaram-se as faculdades de Farmácia (1911), e Direito (1912), bem como as escolas de Comércio (inaugurada em 1920 que funcionava no Colégio Gonzaga, em funcionamento desde 1895) e Artes (Conservatório de Música -1919).

Carrara, azulejos portugueses, torneiras inglesas, praticamente toda a decoração dos casarões era feita e aplicada por decoradores estrangeiros (franceses ou ingleses).

A cidade que se inspirou num modelo europeu dos casarões, das praças, dos bulevares, dos cafés e confeitarias refinadas pretendia ser a cidade ideal, onde técnica, ordem, beleza e modernidade prevalecessem.

A circulação de produtos, bens e capitais, centrada no eixo porto-centro, substituiu os antigos caminhos entre a cidade e a sua "hinterlândia", ocorrendo, assim, uma mudança espacial e funcional no espaço urbano pelotense. Podemos concluir que os projetos inovadores traçados e adquiridos pelos planejadores eram (como não poderiam deixar de ser) puramente elitistas. E foi essa elite aristocrática, latifundiária, mas ao mesmo tempo relacionada com as mudanças do seu tempo, que mais se preocupou com a chegada da modernidade à cidade.

3- A elite pelotense e a "Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul"

A elite local teve papel importante no processo de criação, implantação e manutenção da Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul (hoje Associação Rural de Pelotas). A mesma nasceu em 1898, por exigência dos principais setores econômicos (charqueador-pecuarista-industrial) e os investimentos nesses setores visavam aos interesses de pequeno número de pessoas que se beneficiaram com tal inovação.

A integração da economia regional ao mercado nacional ocorreu num primeiro momento através da indústria saladeiril, que, entre 1860 e 1890, atingiu o auge de seu desenvolvimento e produção⁵. Fez com que Pelotas assumisse a posição de centro econômico polarizador da zona da Campanha, ao desenvolver o primeiro ramo industrial vinculado ao setor pastoril/ charqueador. Uma atividade própria e quase exclusiva no cenário nacional. M. O. Magalhães (1993) salienta que a economia de Pelotas era polarizada em duas unidades que se completavam, mas cada uma com características próprias e bem definidas: de um lado a estância e de outro as

⁵ Segundo M. O. MAGALHÃES, op. cit. p. 81, "o charque produzido em Pelotas representava 74,9% das exportações do Rio Grande do Sul". A economia do charque tem destaque nos trabalhos de A. F. MARQUES: "ao longo do século XIX, à medida que o centro econômico se deslocava para as áreas cafeeiras das províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e sul de Minas Gerais, aí também ia aumentando o consumo de charque. Continuavam, no entanto, as vendas muito importantes, para as áreas açucareiras do Nordeste, centralizadas em Recife e Salvador" In: "A economia do charque. O charque nas artes. Culinária do Charque". Martins Livreiro, 1992, p. 19.

charqueadas⁶. A indústria local, que se caracterizava pela produção do charque, passou a diversificar sua produção (com poucos ramos).

Quando a elite local não conseguiu impor-se no cenário nacional por suas funções produtivas (charque e derivados), começou a criar mecanismos para o fortalecimento da economia regional e, principalmente, local, visando a atender puramente seus interesses. Pesavento salienta que: *“socialmente, a classe dominante local, pecuarista, dispunha do aparelhamento estatal e exercia seu esquema de dominação política regionalmente, sem, contudo, poder impor a nível nacional seus interesses próprios. Vinculada a uma economia subsidiária à economia brasileira de exportação, apresentava-se como setor subordinado de uma classe dominante agrária nacional”* (1980: 21).

Para entender o papel da elite pelotense no processo de criação, implantação e manutenção da Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul, trabalhamos de forma pluridisciplinar, partindo do pressuposto de que as *“teorias não são produtos prontos e acabados, portanto estão sempre abertas as críticas e novas indagações”* (Minella, 1986: 11-22). Podemos, inicialmente, caracterizar a sociedade pelotense no período estudado, como sociedade dependente economicamente de outros centros do país e que buscou alternativas para o crescimento econômico dos seus principais setores (indústrias derivadas do charque, comércio e serviços).

Na criação da Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul percebemos *“que uma pequena minoria decidiu pela maioria sobre como enfrentar os problemas”* (Abbagnano, 1982: 292). Esta forma de controle adotada pela minoria detentora do poder foi descrita por Bobbio no “Dicionário de Política”, em seu verbete sobre a Teoria das Elites: *“Por Teoria das Elites, se entende a teoria segundo a qual, em toda sociedade, existe, sempre e apenas, uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privado”*. (1992, v.1:385)

Desse modo, a teoria das elites nasceu e se desenvolveu com uma clara relação entre todas as formas de poder (econômico, ideológico e político). Salienta que, em cada sociedade, o poder político, econômico e ideológico está nas mãos da minoria, pertencendo sempre a um grupo restrito de pessoas que podem tomar e impor

⁶ Socialmente os estancieiros eram formados por chefes militares e proprietários rurais. Levavam uma vida simples e passavam a maior parte do ano cuidando da estância. As charqueadas funcionavam de novembro a abril, quando a produção era intensa. Nos períodos de entressafra os charqueadores transferiam-se para o núcleo urbano, desenvolvendo uma sociedade urbana e uma vida social comparada à dos grandes centros (Rio de Janeiro, Paris, Barcelona e Buenos Aires). Cabe salientar que cada charqueador possuía em média 80 escravos.

decisões válidas para todos os membros da sociedade. Needell (1993) mostra claramente que, durante o Império, a sociedade brasileira era dividida entre senhores e escravos. Era caracterizada por dois estratos: um muito poderoso e rico (fazendeiros e comerciantes brancos) e outro muito mais numeroso, formado por negros ou escravos libertos, meeiros, trabalhadores urbanos e pequenos sitiantes.

Com a instauração da República e a ampla modernização do país, os agentes inovadores tiveram acesso ao poder. Na cidade de Pelotas, a elite minoritária de charqueadores, políticos, industriais, comerciantes e profissionais liberais desenvolveram estratégias para assegurar seus interesses (econômicos, políticos e ideológicos). Isto significa afirmar que em toda sociedade ou cidade existe um número restrito de pessoas que a dirige formando uma “classe política”, que faz suas próprias leis que são generalizadas para toda a sociedade. Mosca apud Bobbio insiste que: *“a classe política encontra sua própria força no fato de ser ‘organizada’, entendendo por organização, tanto o conjunto de relações de interesse que induzem os membros da classe política a coligarem-se entre si e a constituírem um grupo homogêneo e solidário contra a mais numerosa, dividida, desarticulada, dispersa e desagregada classe dirigida (...) a teoria da classe política é habitualmente também chamada de teoria da minoria organizada.”* (1992:385-386)

A partir do momento que a elite pelotense se organizou, criou mecanismos próprios capazes de legitimar seus interesses para garantir a sua reprodução. Num acesso diferenciado de bens e valores criaram organizações, associações, clubes (o Comercial, o Centro Português e o Caixeiral) e instituições para exercer o seu poder⁷.

Segundo Mills apud Bobbio, *“a ‘elite no poder’ é composta por aqueles que ocupam posições-chaves nos três setores: da economia, do exército e da política. Estes constituem uma elite no poder, porque, contrariamente ao que parece ou se faz crer, estão ligados uns aos outros por razões sociais, familiares, sustentam-se e se reforçam uns aos outros, tendem sempre mais a concentrar os seus instrumentos de poder em instituições centralizadas e interdependentes”* (1992: 388).

A gênese da elite pelotense data dos primórdios do Século XIX, com a acumulação de riquezas proporcionada pela atividade saladeiril, que foi baseada no

⁷ Podemos citar a criação dos clubes sociais e associações, principalmente as de caridade, como a Santa Casa (1846), a Beneficência Portuguesa (1857), o Asilo de Órfãos (1855), o Asilo de Mendigos (1882) entre outras. A Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul foi fundado em 12 de outubro de 1897, e sua primeira diretoria foi composta por: José Cipriano Nunes Vieira - presidente, Antunes Maciel - vice-presidente, e Soares de Paiva - primeiro secretário, nomes estes ligados a actividade agro-pastoril.

trabalho escravo. Os estancieiros e charqueadores eram detentores do poder local, muitos deles eram homens letrados e políticos influentes⁸.

Bottomore (1985) acrescenta que o termo elite pode ser aplicado aos grupos de funcionários que possuem “*status*” elevados numa sociedade, como os empresários, intelectuais e altos funcionários públicos⁹. Quando a elite pelotense se sentiu ameaçada em seu projeto de dominação, ela procurou estabelecer bases sólidas com estratégias e ações que pudessem preservar seus interesses. Pesavento (1980:53-54) salienta que: *“elementos integrantes da mesma classe tendem a apresentar interesses economicos comuns. Configurada uma situação de crise, a tentativa de superação da mesma uniu-os na mesma agremiação que buscava defender os interesses da pecuária.”*

Desse modo, o surgimento de uma organização pioneira em Pelotas manteve uma estratégia na qual a elite (comercial, política, agrária, industrial e bancária) deteve o poder. Esta estratégia estava relacionada com o que caracterizava as elites em geral: o fato de elas representarem o poder, auto denominando-se “parte esclarecida” da população. Representaram ou exerceram, assim, um tipo de poder e de ascensão social que os diferenciaram do restante da população¹⁰. Percebemos que a Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul, recomendava a difusão dos processos de refinamento e seleção do rebanho, bem como a agremiação dos latifundiários. A criação e manutenção de uma “sociedade agrícola pastoril” foi importante para a manutenção da elite pelotense no poder, defendendo os interesses específicos de charqueadores e criadores.

O espaço agrário-pastoril em Pelotas é caracterizado nesse período por grandes propriedades de um lado, e pequenas propriedades por outro. As pequenas propriedades localizam-se na encosta da Serra de Tapes, a colonização foi realizada por franceses, italianos, alemães entre outros. Já as grandes propriedades estavam vinculadas a produção em larga escala de arroz e da matéria-prima para a indústria do charque. As inovações técnicas e modernização estavam presentes, nas grandes propriedades e também nas pequenas propriedades e o papel dos agentes inovadores no setor agrário-pastoril foi de fundamental importância.

⁸ E. ARRIADA. op. cit., p. 64.

⁹ O mesmo termo é empregado também por MOSCA. Para saber mais deste trabalho de BOTTOMORE, ler “*As elites e a sociedade*”. Zahar Ed., 1985, vol. I e II.

¹⁰ J. P. TEIXEIRA . “*Os donos do poder*”, Editora Insular, 1996, p. 102-104, afirma que “os membros das elites locais são chamados ou reconhecidos pelo nome, por pertencerem às famílias distintas e tradicionais (históricas) na cidade, diferente do restante da população, constituída por estranhos, por cidadãos anônimos”. Ainda hoje na cidade a elite local é reconhecida por nome e sobrenome.

Portanto, na sociedade capitalista, o espaço geográfico é produzido em função de interesses de uma série de agentes. Alguns autores apresentam diversos agentes de acordo com estudos de caso realizados em realidades diferentes¹¹. São agentes que realizam operações concretas que modelam o espaço geográfico. Suas ações devem ser vistas dentro de um marco jurídico, que não é neutro e revela interesses hegemônicos em dada sociedade, ou seja, que defende os interesses das elites.

Outro aspecto a ser considerado é a combinação do papel de vários agentes personificado em uma só pessoa ou entidade, dependendo da conjuntura e dos interesses em questão para a viabilidade do processo de acumulação capitalista em um determinado lugar¹².

No período estudado as principais fontes de riqueza de Pelotas eram a agricultura e a pecuária. o principal produto da agricultura comercial em Pelotas era o arroz, cuja lavoura começou a se desenvolver a partir de 1907 com a firma Pedro Osório & Cia¹³. Nas pequenas propriedades desenvolveram-se importantes culturas como a do milho, feijão batata, trigo, lentilhas, etc. Nos estabelecimentos pastoris desenvolve-se a cultura de forrageiras e de alfafa.

Neste sentido, a Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul vai prestar serviços aos agricultores e criadores do Estado. Em Pelotas, várias colônias vão beneficiar-se dos estudos e das pesquisas da Escola de Agronomia e Veterinária, principalmente as vinculadas a produção do setor pastoril, como o caso da Colônia Santo Antonio.

Em 1900, a Escola de Agronomia e Veterinária, realizou uma excursão pela referida colônia¹⁴. Destacamos aqui algumas das impressões publicadas pela Revista Agrícola do Rio Grande do Sul (1900:152): *"a cultura que os colonos de Santo Antonio tem maior consideração é a da alfafa. Logo ao entrar na colonia vem se grandes alfafaes, que é uma das plantas que mais tem contribuído para a riqueza dos colonos. Tivemos ocasião de ver a colonia do distinto Sr. Jean Capdebosq um alfafal que já*

¹¹ No Brasil, diversos autores de diferentes regiões apresentaram suas teses sobre o modo de produção e relação social no setor agrário-pastoril.

¹² Foi o que ocorreu com vários diretores da Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul. Um caso exemplar é o de Idelfonso Simões Lopes.

¹³ Entre as variedades de arroz cultivadas estavam a original, o japonês, a piemonte e a carolina. Em 1917-1918, Pelotas contava com 67 plantadores de arroz, com uma colheita de 102.545 sacos de 50 kilos. Os maiores plantadores eram: Osório, Schild & Kruger, Osório, Vasconcelos & Osório, Osório & Vasconcelos entre outros.

¹⁴ A excursão agrícola foi liderada pelo professor Guilherme Missen e pelos alunos: Leonardo Brasil Collares, José Antônio Martins, Amynthas Maciel de Oliveira, Estevão B. de P. Louzada, Manoel Serafim Gomes de Freitas, Francisco da Cunha Ramos e Guilherme Lemos de Faria.

tinha dado quatro cortes, e o referido colono esperava mais dois. Este operoso colono cultivava tres especies desta preciosa leguminosa, que são: a crioula, a de Poitou, e a chilena."

No relatório, além da brilhante descrição realizada pelo primeiro anista, Manoel Serafim Gomes de Freitas, consta também que por falta de tempo não conseguiram observar o pomar de Achilles Beauvallet que produzia pés de laranjeiras, pessegueiros, marmeleiros, pereiras, macieiras e outras árvores frutíferas. Consta também no relatório o tipo de produção, as máquinas que utilizavam e sugerem a instalação de indústrias de conserva na região.

A viticultura também tinha um papel importante na economia agrária de Pelotas. Seus principais produtores eram Ambrosio Perret Filho, Luiz Carret, Emílio Ribes, Daniel Capdebosq, Domingos Pastorello entre outros. O interesse pela viticultura foi rapidamente estabelecido em diferentes setores da comunidade pelotense: em 1890 foi criada a disciplina de viticultura e enologia pela Escola de Agronomia e Veteriária de Pelotas; em 1898, a Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul, com sede em Pelotas, passou a distribuir aos agricultores interessados castas apropriadas para o vinho e quando ocorreu a primeira exposição agrícola, foram expostas mais de 30 qualidades de vinhos produzidos no município¹⁵.

Também desenvolvia-se nos arredores da cidade a pomocultura, principalmente na Theodósia e no Capão do Leão. Um dos importantes estabelecimentos de fruticultura é a quinta Bom Retiro, de Ambrósio Perret Filho.

Com a modernização na agricultura e principalmente no espaço urbano, as indústrias ligadas ao setor agrário-pastoril é uma constante nesse momento. Em 1928, o Almanach de Pelotas escreve sobre a economia da cidade e coloca que: "são diversas as industrias exploradas, destacando-se a pastoril e agricola, aquella representada por valiosos rebanhos seleccionados, nascendo nos prados de importantes estabelecimentos ruraes, e a ultima pela cultura intensiva de grande variedade de productos coloniaes, notadamente cereaes, como o arroz, cultivado em importantes granjas, aparelhadas do mais moderno machinismo agrario". (1928:70)

Neste contexto, a Sociedade Agrícola Pastoril realizou importantes serviços, destacam-se os seguintes: diversas exposições, com distribuição de prêmios e medalhas de ouro, prata e bronze e em dinheiro. Distribuição de sementes, de forragens, de mudas, e de plantas, introdução de reprodutores de gado vacuum e

¹⁵ Relatório da Intendência Municipal de 1909, p. 38.

ovelhum para si e associados, próprio para corte e lã; distribuição periódica de publicações agrícolas.

4- As experiências inovadoras de Ildefonso Simões Lopes

Destacaremos o papel inovador de Ildefonso Simões Lopes com relação a Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul, cujo parque de exposições leva seu nome. Nascido em 19 de novembro de 1866, na cidade de Pelotas. Filho de Joao Simões Lopes e Zeferina da Luz Lopes(Viscondes da Graça) Formado em engenharia civil pela escola Politécnica do Rio de Janeiro. Começou trabalhando na construção de importantes estradas de ferro em Minas gerais. Passou a prestar serviços ao governo do Rio de Janeiro, como engenheiro de obras públicas, cuja tarefa era dirigir a construção de edifícios públicos em Petrópolis. Construiu um trecho da estrada de ferro em São Paulo. Decidiu transferir-se para Pelotas e foi convidado para exercer o cargo de diretor técnico da Companhia Hydraulica Pelotense, realizou o importante serviço de raspagem para a dos canos condutores da agua do respectivo manancial para a cidade, o melhoramento repercutiu em outros centros. Foi ministro da Agricultura, Comércio e Indústria realizando importantes projetos inovadores para sua época, tais como: a criação do Instituto Biológico de Defesa Agrícola, que realizavam pesquisas para o desenvolvimento da agricultura. Os resultados dos trabalhos realizados no Instituto são divulgados por um Boletim *"cuja publicação vae ser com certeza cuidadosamente collecionada pelos agricultores, pois ahi encontrarão elles o mais util repositorio de ensinamentos para a defesa de suas produções"*¹⁶. Separou o serviço de meteorologia do de astronomia, estendendo o serviço de meteorologia para o Rio Grande do Sul, criou as estações experimentais (trigo e pomicultura) em todo o Brasil. Remodelou as fazendas-modelo, participando de inúmeras sociedades agrícola-pastoril, além de uma ativa participação na indústria pastoril.

A participação e realização dos muitos projetos inovadores para a sua época realizados por Ildefonso Simões Lopes permanecem até os dias atuais.

¹⁶ Almanach de Pelotas, 1922.

Conclusão

Com o desenvolvimento do capitalismo as inovações tecnológicas passaram a ser traços definidores de uma nova realidade, pois caracterizavam e consolidavam os grandes progressos realizados anteriormente. Isto significa dizer que nos ofereceram elementos indicativos para as mudanças que estariam por vir. A elite pelotense teve papel importante na criação da Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul, pois seus interesses eram de atender seus interesses quer seja, através de uma sociedade ou na representação do ministro Ildefonso Simões Lopes.

Bibliografia

- ARRIADA, E. Pelotas: gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835). Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994. 176p.
- BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 360p.
- BOBBIO, N. et al. Dicionário de política. Brasília: EdUNB, 1992. v. 1 e 2.
- BOTTOMORE, T. B. As elites e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1985, vol I e II.
- CARDOSO, F. H. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 303p.
- COSTA, R. H. da. Latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 104p.
- HARVEY, D. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola. 1992. 349p.
- HOBSBAWM, E. J. A era dos impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 546p.
- MAGALHÃES, M. O. Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Editora da UFPEL. 1993. 293p.
- MAGALHÃES, M. O. Os passeios da cidade antiga - guia histórico das ruas de Pelotas. Pelotas: Editora Armazém Literário. 1994. 119p.
- MARQUES, A. da F. Evolução das charqueadas rio-grandenses. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990. 196p.

- MARQUES, A. da F. A economia do charque. O charque nas artes. Culinária do charque. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992. 190P.
- MONBEIG, P. Pioneiros e fazendeiros de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1984. 392p.
- NETO, J. S. L. História de Pelotas. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994. 120p.
- OSÓRIO, F. L. A Cidade de Pelotas. Porto Alegre: Editora Globo, 1922. 243p.
- OSÓRIO, Fernando Luiz. Álbum de Pelotas. Pelotas: Sete de Setembro de 1922.
- PESAVENTO, S. J. RS: A economia & o poder nos anos 30. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. 192p.
- PESAVENTO, S. J. República velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980. 305p.
- PESAVENTO, S. J. História da indústria sul-rio-grandense. Guaíba: RIOCELL, 1985. 125p.
- PIMENTEL, F. Aspectos gerais de Pelotas. Porto Alegre: Typographia Gundlach, 1940.
- SINGER, P. I. Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- SOJA, E. W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 324p.
- TEIXEIRA, J. P. Os donos da cidade. Florianópolis: Editora Insular. 1996. 244p.
- WRIGHT, A. Impressões do Brasil no Século vinte. Londres: Loyd's greater Britain Publishing., 1913.

Relatórios e revistas

- Pelotas - Almanach de Pelotas - 1922.
- Pelotas- Almanach de Pelotas - 1927.
- Pelotas - Relatório da Intendência Municipal - 1909.
- Revista Agrícola do Rio Grande do Sul - 1900
- N. N. MAGALHÃES, Pelotas Memória, ano 8 - número 1- 1997.